Posfácio

Momentos sombrios para não serem esquecidos pelas novas gerações

Renato Cordeiro

SciELO Books / SciELO Livros / SciELO Libros

CORDEIRO, R. Momentos sombrios para não serem esquecidos pelas novas gerações. In: LENT, H. *O massacre de Manguinhos* [online]. 2nd ed. Rio de Janeiro: Editora FIOCRUZ: Edições Livres, 2019, pp. 99-112, Memória viva collection. ISBN: 978-85-7541-640-2.
<https://doi.org/10.7476/9788575416402.0005>.

All the contents of this work, except where otherwise noted, is licensed under a [Creative Commons Attribution 4.0 International license](https://creativecommons.org/licenses/by/4.0/).

Todo o conteúdo deste trabalho, exceto quando houver ressalva, é publicado sob a licença [Creative Commons Atribuição 4.0](https://creativecommons.org/licenses/by/4.0/).

Todo el contenido de esta obra, excepto donde se indique lo contrario, está bajo licencia de la licencia [Creative Commons Reconocimiento 4.0](https://creativecommons.org/licenses/by/4.0/).

**Momentos sombrios para não serem
esquecidos pelas novas gerações**

O *Massacre de Manguinhos*, obra magistral de Herman Lent – um dos mais importantes entomologistas brasileiros –, conseguiu captar a atmosfera do período da resistência que os cientistas de Manguinhos viveram durante a ditadura militar instaurada em 1964. Período de grande truculência e agressividade contra o Instituto Oswaldo Cruz (IOC), templo da ciência, célula *mater* da Fundação Oswaldo Cruz, a casa dos brilhantes e pioneiros Oswaldo Cruz, Carlos Chagas e Adolpho Lutz.

Ao reeditar este livro seminal da ciência brasileira, o Instituto de Comunicação e Informação Científica e Tecnológica em Saúde (Icict) e seu diretor Rodrigo Murtinho presenteiam-nos com um marco da história e da memória nacional, que não podem ser desconhecidas ou esquecidas pelas novas gerações de cientistas.

É fundamental ratificar a excelência da pesquisa desenvolvida no Instituto Oswaldo Cruz naquela época. Num significativo depoimento ao Canal Ciência do Instituto Brasileiro de Informação em Ciência e Tecnologia (Ibict), em 1983, Carlos Chagas Filho, filho de Carlos Chagas e fundador

do Instituto de Biofísica da Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ), disse: “Eu considero um abuso muito grande a afirmação de alguns de que a glória de Manguinhos não foi mantida. O trabalho em muitos setores de Manguinhos continuou com grande produtividade até o momento em que, com o aparecimento de um mau diretor, Manguinhos teve alguns dos seus melhores elementos excluídos de seus quadros...”.

Para aqueles que não viveram os anos de chumbo, faz-se relevante destacar os momentos tensos e profundamente difíceis vividos pela instituição após o golpe militar. Foram criadas comissões de inquérito e instaurados inquéritos policiais militares (IPMs) para apurar potenciais atividades subversivas, visando prejudicar e punir dez cientistas do IOC, Herman Lent, Haity Moussatché, Fernando Braga Ubatuba, Tito Arcoverde Cavalcanti Albuquerque, Hugo de Souza Lopes, Moacyr Vaz de Andrade, Augusto Cid de Mello Perissé, Sebastião José de Oliveira, Masao Goto e Domingos Arthur Machado Filho, que tinham a excelência e a ética como cláusulas pétreas no seu trabalho institucional.

No dia 1º de abril de 1970, sem que absolutamente nada fosse provado contra eles nos lamentáveis IPMs e sindicâncias, os nossos cientistas foram cassados pela ditadura militar, com base no Ato Institucional nº 5 (AI-5). Tiveram os seus direitos políticos suspensos e foram impedidos de trabalhar no IOC e em outras instituições federais. Foram momentos dramáticos para Manguinhos, para a ciência brasileira e para os seus familiares.

Endossando o pensamento de Carlos Chagas Filho, vale ressaltar que vários pesquisadores “subversivos” atingidos pelo AI-5 eram membros da Academia Brasileira de Ciências (ABC) e foram fundadores da Sociedade Brasileira para o Progresso da Ciência (SBPC).

Ainda hoje, é difícil acreditar que uma das ideias mais “revolucionárias” que esses cientistas defendiam era a criação do Ministério da Ciência e Tecnologia, ideia simplesmente abominada pelo diretor Rocha Lagoa.

Lamentavelmente, o primeiro a ser atingido frontalmente pela ditadura militar foi Walter Oswaldo Cruz, filho de Oswaldo Cruz, brilhante hematologista e líder de um dos laboratórios mais produtivos do Instituto Oswaldo Cruz. O seu laboratório foi lacrado e os auxílios internacionais bloqueados. Walter Oswaldo Cruz faleceu em 1967, aos 56 anos de idade, em virtude das pressões sofridas. Dois dos mais importantes bioquímicos brasileiros, Carl Peter Dietrich, da Universidade Federal de São Paulo (Unifesp), e Leopoldo de Meis, da UFRJ, foram alunos de Walter e, com toda certeza, poderiam ter permanecido no Instituto.

As pressões eram intensas, com direta interferência no dia a dia dos laboratórios. Raimundo de Britto – ministro da Saúde nomeado pela ditadura militar – afastou vários pesquisadores: “As ideias exóticas que em Manguinhos foram infiltradas serão banidas definitivamente, porque o nosso País precisa de

Walter Oswaldo Cruz
no laboratório do IOC s.d.
Acervo Casa de Oswaldo Cruz.

homens que nos ajudem a acabar com o sofrimento do povo e não de elementos cujo único fito é destruir a liberdade, esfacelando o regime democrático...”. Tal fala referia-se aos mais importantes cientistas brasileiros daquela época. Marcas desses anos estampam uma declaração de meu estágio com o Dr. Moussatché, carinhosamente guardada entre os meus pertences mais preciosos; nela, encontra-se carimbada a frase “A Revolução de 1964 é irreversível e consolidará a Democracia no País”.

Eles se julgavam eternos...

O impacto da cassação dos dez cientistas para o corpo de pesquisadores, servidores e estudantes de Manguinhos foi dramático. Havia clara percepção de que a ditadura originaria uma era de “nuvens negras e sombrias” para o Instituto. De fato, foi uma era de grande perplexidade diante dos fatos, sobretudo, das cassações. Eu e outros estudantes, tais como Marise Jurberg, Jose Lopes Quadra, Otavio Aprigliano, Eloi Garcia – entre outros integrantes da Divisão de Fisiologia e Farmacodinâmica, criada por Miguel Ozório de Almeida –, fomos imediatamente expulsos dos laboratórios e/ou impedidos de entrar na instituição. Muitas pesquisas, sonhos e carreiras foram drasticamente interrompidos e destruídos. A cassação criou fraturas profundas nos laboratórios, projetos e cooperações nacionais/internacionais, subitamente descontinuados. Vários pesquisadores e técnicos do IOC foram distribuídos a outras instituições do Ministério da Saúde, como os Drs. Mario Vianna Dias, Charles Esberard, Ivan

Caldas Marins, Junia Peixoto, Maria Queiroz, Chico Trombone, entre outros. Impactado e perplexo, o Brasil assistiu ao esfacelamento do Instituto Oswaldo Cruz, nosso templo da ciência nacional, pelo nepotismo.

Alguns pesquisadores viveram momentos de autoexílio no exterior, onde desenvolveram intensa atividade científica, como Haity Moussatché, na Universidad Lisandro Alvarado em Barquisimeto, Venezuela; Fernando Ubatuba, no laboratório Wellcome Research Laboratories, na Inglaterra, com John Vane (Nobel de Medicina em 1982); Herman Lent, na Universidade de Los Andes, na Venezuela, na Universidade de Assunção, no Paraguai e no Museu Americano de História Natural de Nova York; e Augusto Perissé, no Institut Max Planck,

Haity Moussatché, Renato Cordeiro, Fernando Braga Ubatuba, Boris Vargaftig e Carlos Morel 1987. Acervo pessoal Renato Cordeiro | IOC .

Cerimônia de reintegração dos cientistas afastados, Manguinhos, 1986.
Acervo Casa de Oswaldo Cruz. Foto: Flávio de Souza.

Os cassados de Manguinhos retornam à Fiocruz: (da E. para D.) Augusto Cid Mello Perissé, Tito Cavalcanti, Haity Moussatché, Fernando Braga Ubatuba, Moacyr Vaz de Andrade, Hugo de Souza Lopes, Masao Goto, Herman Lent, Sebastião José de Oliveira e Domingos Arthur Machado Filho, 1986. Acervo Casa de Oswaldo Cruz. Acervo Casa de Oswaldo Cruz. Foto: Flávio de Souza.

em Heidelberg e na Universidade Eduardo Mondlane, em Moçambique. Vários pesquisadores que permaneceram no país exerceram atividades docentes na Universidade Santa Úrsula e em outras faculdades particulares, dada a impossibilidade de trabalharem para o governo.

Acorajosa reintegração dos cientistas de Manguinhos pelo nosso saudosíssimo Sérgio Arouca, em 1986, representou um dos mais belos e significativos gestos para a recuperação da autoestima e a oxigenação da atividade científica institucional.

A história completa do “Massacre de Manguinhos”, mais um dos inúmeros episódios lastimáveis relacionados aos anos de chumbo no Brasil, ainda continuará a ser narrada... Talvez as lacunas até o momento existentes sejam preenchidas quando o conteúdo das “caixas pretas” dos ministros Francisco de Paula Rocha Lagoa (governo Médici), Raimundo de Britto (governo Castelo Branco) e dos diretores do IOC daquele período forem, finalmente, abertas pelo Arquivo Nacional, historiadores e comissões independentes. A memória daqueles anos de retrocesso científico, político e social deve ser respeitada e cultivada para que jamais retornem aos nossos dias, à história do Brasil.

Renato Cordeiro
Pesquisador Titular do Instituto Oswaldo Cruz
Pesquisador Emérito da Fiocruz
Membro Titular da Academia Brasileira de Ciências
Pesquisador Senior do CNPq

Moacyr Vaz de Andrade

Augusto Cid Mello Perissé

Tito Cavalcanti

Hugo de Souza Lopes

Haity Moussatché

Herman Lent

Fernando Braga Ubatuba

Sebastião José de Oliveira

Domingos Arthur Machado Filho

Masao Goto

O presidente da Fiocruz Sérgio Arouca na volta do pesquisador Haity Moussatché, 1986.
Acervo Casa de Oswaldo Cruz.

II BIENAL DE PESQUISA

FUNDAÇÃO OSWALDO CRUZ

1 a 11 de dezembro de 2000

Homenagem aos cientistas do Instituto Oswaldo Cruz
Cassados pelo AI-5 (1 de abril de 1970)

Augusto Perissé, Domingos Machado, Fernando Ubatuba, Haily Moussatché, Herman Lent,
Hugo de Souza Lopes, Massao Goto, Mosayr Andrade, Sebastião de Oliveira, Tito Cavalcanti.

“Fiocruz:
Ciência para a Saúde
da População Brasileira.”

Informações:

Fundação Oswaldo Cruz - Vice-Presidência de Pesquisa e Ensino
Av. Brasil, 4365 - Manguinhos - CEP: 21045-900 - Rio de Janeiro
Tel.: (0xx21) 590-4712 - Fax.: (0xx21) 590-9741
bienal@proco.fiocruz.br - <http://www.fiocruz.br/vppge>

1000 + 2000
Centenário Fundação Oswaldo Cruz

Ministério da Saúde
FIOCRUZ
Fundação Oswaldo Cruz

Entrega do Prêmio Fundação Oswaldo Cruz
Grupo EMS - SIGMA PHARMA de Ciência & Tecnologia em Saúde

Cartaz produzido
na ocasião do
centenário da Fiocruz,
homenageando os
cientistas cassados em
1970 e que marca os
30 anos dos decretos
que suspenderam os
direitos políticos dos
pesquisadores.

Idealização
Renato Cordeiro

Arte e projeto gráfico
Mauro Campello
Roberto Moreira

Agradecimentos

Francisco dos Santos Lourenço	Roberto Lent,
João Canossa	Rodrigo Méxas
José Paulo Leite	Susana Lent Santos
Juliana Krapp	Taíssa Campello
Maria Inês Rodriguês	Tania Santos
Nísia Trindade Lima	Vinícius Renaud
Paulo Elian	Wanda Brant
Raquel Aguiar	Wanda Hamilton
Renato Cordeiro	

Este livro foi reeditado em acesso aberto,
podendo ser baixado e acessado online em
tablets, smartphones, telas de computadores e
em leitores de ebooks.

Este livro foi produzido pelo
Multimeios | Ictict | Fiocruz
Textos compostos em Book Antiqua
e Avenir Medium.

Rio de Janeiro, maio de 2019.

ISBN: 978-85-7541-628-0

9 788575 416280

APOIO

REALIZAÇÃO

Ministério da Saúde

FIOCRUZ
Fundação Oswaldo Cruz

Casa de
Oswaldo Cruz

IOC
Instituto Oswaldo Cruz